

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. A. Linguagem da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LINGUAGEM DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL: PRESTÍGIO E ESTIGMATIZAÇÃO

Vitalina Maria Frosi¹

Carmen Maria Faggion¹

Giselle Olívia Mantovani Dal Corno¹

frosi@terra.com.br

cmfaggio@ucs.br

gomdcorn@ucs.br

RESUMO: Este trabalho relata os passos seguidos pela equipe do Projeto de pesquisa *Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do RS: prestígio e estigmatização – estigma* -, atualmente em desenvolvimento na Universidade de Caxias do Sul, com adaptação da metodologia de Lambert e associados (1960) para a elaboração do instrumento de avaliação de reações subjetivas a três variedades de fala em uso na região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, Brasil: a variedade do português padrão, a variedade dialetal italiana e a variedade do português com sotaque do dialeto italiano aqui falado. Além disso, faz uma breve exposição de alguns resultados obtidos na aplicação da metodologia pelo Projeto, que tem como objetivo principal estudar o binômio prestígio e estigmatização sociolingüística na comunidade de fala de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: línguas minoritárias; atitudes lingüísticas; prestígio e estigmatização; pesquisa sociolingüística.

¹ Docentes do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Colaboram também neste Projeto as bolsistas Daniela Fabris (CNPq) e Patrícia Santos (BIC/UCS).

1. SITUANDO O PROBLEMA

A linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI) constitui-se em um universo lingüístico rico e complexo. Nesses 132 anos de sua história, a RCI sofreu inúmeras mudanças sociais, políticas e econômicas e, em decorrência disso, sua realidade lingüística vem sofrendo profundas alterações, resultantes dos diversos fatores que afetam a linguagem como uma instituição social, desde as condições para sua transmissão de uma geração a outra, até os próprios interesses de seus usuários.

Faraco (2005: 34) comenta que “a mudança [lingüística] encontra terreno fértil para ocorrer justamente quando duas ou mais variedades passam a se confrontar dialeticamente no intrincado universo das relações sociointeracionais”. No contexto delimitado para este estudo, a situação de multidialetalismo criada com a chegada dos imigrantes à RCI, provenientes de diferentes províncias italianas, foi propícia à mudança lingüística. Com o passar do tempo, formou-se um supra-dialeto, uma coiné resultante da mescla de vários dialetos vênéticos e-lombardos,² com predominância dos dialetos vicentino e feltrino-belunês. Por outro lado, as necessidades de comunicação com a comunidade luso-brasileira ditaram o desenvolvimento de diferentes formas e graus de bilingüismo, novamente criando um terreno fértil para a mudança lingüística.

Em situações de contato entre línguas, como a que se deu na RCI entre o português e a fala dialetal italiana, as atitudes lingüísticas são um fator importante a considerar na evolução, permanência e até extinção de uma língua ou variedade lingüística. Uma atitude lingüística pode ser entendida como uma resposta face ao outro, isto é, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro, face à variedade lingüística do outro; consiste em uma postura ou comportamento, positivo ou negativo, face a uma língua ou a uma variedade lingüística particular (FROSI, 2005).

No caso da coexistência de dois sistemas lingüísticos distintos, o fenômeno do prestígio/desprestígio assume maior importância à medida que a língua materna é identificada com um grupo de menor poder político, econômico e/ou cultural, criando-se um contraste entre a língua majoritária (de prestígio) e a minoritária (estigmatizada). Conforme nos diz Grosjean (2001), via de regra a língua do grupo dominante, a língua de prestígio, é considerada, pela sociedade em geral, mais bonita, expressiva e lógica e

² Por esse motivo, alguns trabalhos sobre as falas dialetais da RCI usam a expressão “dialeto vênético” e, popularmente, também “talian”, para referir-se a essa coiné.

mais capaz de exprimir pensamentos abstratos, enquanto a língua minoritária tende a ser considerada agramatical, empobrecida, rude, tornando-se objeto de ataque. O próprio fato de a língua ser chamada de “dialeto” a menospreza, ao contrapô-la à “língua oficial”. Esses fatos denotam as atitudes negativas dos usuários da língua de prestígio, traduzidas em diversas formas de preconceito, julgamentos e estereótipos, geralmente assumidos também pelo grupo minoritário.

Há um consenso entre os falantes da RCI – e alguns estudos realizados sobre prestígio e preconceito lingüístico o confirmam – de que a variedade dialetal italiana e a variedade do português local (com marcas dialetais italianas – “sotaque”) sofreram estigmatização, particularmente, a contar do final da década de 1930. Foi nessa década que o Governo Federal do Brasil instituiu a Campanha de Nacionalização do Ensino, reforçando o *status* da língua portuguesa como língua oficial do país, dominante e, portanto, língua de prestígio. Isso tudo repercutiu desfavoravelmente às falas dialetais estrangeiras próprias dos imigrantes e de seus descendentes. Entretanto, das últimas décadas do século passado até os dias atuais, verificam-se inúmeras manifestações de retorno à origem étnica e à fala dialetal italiana. Isso justifica uma investigação científica sobre o *status* das variedades lingüísticas faladas, na atualidade, na RCI.

2. DEFININDO OS OBJETIVOS, O CORPUS E A METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo conduzido pelo projeto de pesquisa *Linguagem da Região de Colonização Italiana: prestígio e estigmatização – ESTIGMA* centraliza-se no fenômeno da estigmatização e do prestígio sociolingüísticos, tendo em conta a fala dialetal italiana da RCI, a variedade de fala do português regional e a variedade do português padrão (representado na fala dos locutores do Jornal Nacional da TV Globo). Esta investigação busca identificar, descrever e explicar a estigmatização ou o prestígio sociolingüístico, e produzir conhecimento em relação a esses fenômenos para melhor compreensão da relação entre linguagem e cultura na RCI.

Para atingir esses objetivos, estabeleceram-se como objetivos específicos necessários: (a) identificar e descrever as variáveis socioculturais que dão prestígio ou estigmatizam os sistemas de fala da comunidade de Caxias do Sul; (b) determinar quem estigmatiza ou atribui prestígio à fala dialetal italiana; (c) determinar quem estigmatiza ou atribui prestígio à variedade local de língua portuguesa; (d) determinar quais são as

atitudes em relação à variedade de fala do português padrão; (e) estudar as manifestações lingüísticas do estigma através do registro de relatos orais, acontecimentos, piadas e estereótipos frasais; (f) estudar os traços lingüísticos específicos dos estereótipos que constituíram e/ou constituem a estigmatização.

A investigação foi conduzida em quatro etapas distintas, com aplicação de instrumentos a um *corpus* constituído por dois grupos. Um deles é composto por 40 sujeitos de nível de escolaridade superior, habitantes da RCI; o segundo, por 47 sujeitos de nível de escolaridade diversa, mas todos habitantes de um mesmo bairro do município de Caxias do Sul. Os sujeitos estão distribuídos por gênero e em duas faixas etárias (entre 30 e 55 anos e entre 56 e 81 anos).

As duas primeiras etapas da investigação visaram mais especificamente à verificação de indícios de preconceito ou estigmatização com relação à fala dialetal italiana. Na primeira etapa, os informantes³ selecionados responderam a perguntas abertas, em uma entrevista qualitativa. Na segunda etapa, os sujeitos responderam a perguntas estruturadas, constantes em um instrumento para registro de reações subjetivas, após a audição de três textos, um em cada uma das variedades lingüísticas sob análise.

Concomitantemente, efetivou-se o histórico do informante. Através de um questionário simples, procurou-se registrar dados sobre a origem étnica e proveniência dos antepassados, retrocedendo até os bisavós, bem como sobre local de moradia, faixa etária, estado civil, nível de instrução. Em continuidade foi elaborado um instrumento para verificação do grau de bilingüismo do informante.

3. ESTABELECENDO ALGUMAS BASES TEÓRICAS SOBRE PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO

O ponto de partida para a elaboração dos instrumentos utilizados na investigação foram os trabalhos de Lambert e seus associados (1960 e seguintes), que utilizaram a técnica de pares ocultos ou “contraste entre aspectos” (*matched guise*) para verificar as atitudes lingüísticas dos informantes com relação a variedades lingüísticas. Essa técnica consiste basicamente em expor os ouvintes a uma série de gravações de falantes

³ Os termos “informante”, “sujeito” e “entrevistado” são usados no projeto ESTIGMA com o mesmo sentido, uma vez que o foco da investigação não são aspectos da fala, mas as informações aportadas.

bilíngües, contrastando duas línguas ou variedades, para que os ouvintes atribuam ou não determinados traços de personalidade a cada falante: *altura, beleza física, liderança, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, fidedignidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter e simpatia*. O registro desses traços nada mais é que uma forma de manifestar explicitamente a avaliação social inconsciente (juízo) que os ouvintes fazem de cada falante e, indiretamente, de suas atitudes em relação às variedades lingüísticas. As pesquisas efetuadas contrastaram o inglês e o francês canadenses (LAMBERT *et al.*, 1960), francês canadense e francês continental (PRESTON, 1963), árabe e hebreu (LAMBERT, ANISFELD e YENIKOMSHIAN, 1965), inglês das redes de TV, inglês sulista dos negros e dos brancos (TUCKER e LAMBERT, 1969), entre outros.

As conclusões a que chegaram Lambert e seus associados resultaram em vários princípios importantes, entre os quais se destacam:

- a avaliação lingüística subjetiva é praticamente uniforme em toda a comunidade lingüística;
- as avaliações de uma determinada língua geralmente não são perceptíveis no nível consciente, mas são expressas pronta e consistentemente em termos de traços de personalidade de falantes diferentes;
- todos os sujeitos (ouvintes) adquirem estas normas no início da adolescência, mas jovens da classe média alta demonstram reações mais fortes e mais permanentes.

Labov (1972), além de confirmar os princípios de Lambert e associados, fornece outro: falantes que, acentuadamente, empregam mais de um traço estigmatizado em sua própria fala natural tendem a, mais do que outros, estigmatizar os demais falantes que empregam esse mesmo traço.

Uma pequena investigação já conduzida na RCI por Dal Corno e Santini (1998) procurou investigar a existência de preconceito contra a fala com marcas dialetais italianas (fala com sotaque), aplicando a metodologia de Lambert e associados para verificar os traços de personalidade atribuídos a um falante com sotaque dialetal do italiano (falante A) e a outro falante que usou a variedade padrão da língua portuguesa (falante B). Dos 20 traços de personalidade testados (afetuosidade, astúcia, autoconfiança, ambição, abnegação, bondade, dinamismo, docilidade, cultura,

espontaneidade, fidedignidade, fidelidade, honestidade, inteligência, laboriosidade, prudência, senso de humor, serenidade, simplicidade e sinceridade), os quatro grupos de informantes (habitantes de zona urbana, de zona rural, descendentes de italianos e não-descendentes de italianos) confirmaram a existência de certo grau de preconceito ao expressarem em seus julgamentos que o falante A era menos astuto, menos culto, menos inteligente, menos dinâmico e tinha menos senso de humor do que o falante B.

É importante neste ponto destacar que preconceito e estigmatização são duas faces de uma mesma moeda, mas não são sinônimos. Para Stevenson (1965 [1960]: 303), preconceito é “uma generalização falsa sobre um grupo de pessoas – ou coisas – que se mantém, a despeito de fatos que indiquem o contrário.” O autor acrescenta:

O pensamento preconceituoso é raramente, provavelmente nunca, limitado a um assunto. Aqueles que têm preconceito contra um grupo de pessoas quase sempre têm preconceito contra outros grupos. O preconceito, assim, pode-se dizer que é uma desordem de pensamento: uma pessoa preconceituosa faz julgamentos errôneos ao aplicar a um grupo todo o que aprendeu sobre um ou alguns poucos membros desse grupo. Às vezes, sequer se baseia em suas próprias experiências, mas baseia suas atitudes naquilo que ouviu de outros. Ele então se comporta com relação a todo um grupo como se não houvesse diferenças individuais entre seus membros. (1965 [1960]: 304)

Stevenson (1965 [1960]: 305-306) ainda acrescenta que o preconceito é algo aprendido pelas crianças, especialmente de seus pais e professores, seja pela imitação direta de atitudes que essas pessoas manifestam, seja pela influência exercida por comentários sutis por eles feitos.

Pode-se dizer, assim, que o preconceito é uma atitude negativa, por parte de um indivíduo, para com outro indivíduo ou grupo. Embora possa soar redundante, pode-se afirmar que o preconceito reside na pessoa preconceituosa e, eventualmente, na vítima desse preconceito. Já o estigma mora naquele que é alvo do preconceito de outros.

De acordo com Goffman (1988 [1963]: 1-12), estamos frente a um estigma quando um indivíduo tem um traço que se impõe à atenção e o torna diferente dos outros, de tal forma que pode afastar as pessoas, que deixam de ver seus outros atributos. Goffman ainda afirma que não é incomum que o estigmatizado desenvolva sentimentos de vergonha e autodepreciação, compartilhando, assim, das crenças que os “normais” têm a seu respeito e aceitando a condição de inferioridade que lhe é imposta.

Esses fenômenos não se limitam a aspectos físicos ou de aparência, como os exemplos trazidos por Stevenson (falando das pessoas de cor negra) e Goffman (falando de defeitos ou deformidades físicas em geral). No tocante a línguas ou variedades

lingüísticas, existem já diversos estudos que focalizam a questão do preconceito, resultante não de alguma deficiência intrínseca que possam apresentar, mas da valorização que lhes é dada na sociedade. Faraco (2005: 33) afirma que do “ponto de vista exclusivamente lingüístico ... as variedades se equivalem e não há como diferenciá-las em termos de melhor ou pior, de certo ou errado: todas têm organização (todas têm gramática) e todas servem para articular a experiência do grupo que as usa”, mas acrescenta um dado importante: “A diferença de valoração das variedades ... se cria socialmente: algumas variedades, por razões políticas, sociais e/ou culturais, adquirem uma marca de prestígio.”

A bibliografia sobre a linguagem da região (FROSI e MIORANZA, 1983; FROSI, 1987a; FROSI 1987b; DAL CORNO e SANTINI, 1998; PAVIANI, 2001; PAVIANI, 2004, e muitos outros) revela a presença na RCI de um estigma definido exatamente como em Goffman, mencionando não só os traços característicos dessa linguagem (tais como pronúncia específica de certos fonemas e ditongos), mas também o preconceito de que é vítima o (antigo) habitante da zona rural (o *colono*) quando essas características o identificam perante o outro. Isso vem a corroborar as afirmações de Faraco (2005: 33-34):

No caso da sociedade brasileira, por exemplo, as variedades rurais não têm prestígio social; só algumas variedades urbanas (não todas) é que o têm. Essas variedades prestigiadas constituem o que chamamos de *norma* ou *variedade culta*; elas representam um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar, pelos meios de comunicação social. São essas formas prestigiadas que irão ocorrer preferencialmente na escrita.

4. ELABORANDO OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Os instrumentos elaborados e aplicados por Lambert e associados serviram como importante inspiração para a criação daqueles que seriam utilizados pelo projeto ESTIGMA. No entanto, apesar da validade dos princípios gerais a que chegaram, houve a necessidade de adaptação desses instrumentos à realidade lingüística da RCI. O motivo principal foi a compreensão de que, nos trabalhos citados anteriormente, as investigações foram conduzidas em comunidades com história e cultura bem diversas das focalizadas neste estudo e envolvendo línguas e variedades lingüísticas diferentes das aqui encontradas.

As dificuldades iniciais residiram justamente na elaboração dos dois primeiros instrumentos de pesquisa, que deveriam aliar rigor científico ao conhecimento prévio e às expectativas quanto à realidade encontrada. Era preciso saber que estereótipos eram comuns, que traços de personalidade eram os mais prováveis de serem esperados, que preconceitos havia nesta comunidade de fala. Foram, então, aplicados três instrumentos pilotos a informantes colaboradores, todos alunos universitários do curso de Letras. As respostas forneceram dados, precisamente indicadores sociais, que permitiram delinear os instrumentos definitivos, tanto o questionário qualitativo quanto o instrumento para registro de reações subjetivas valorativas.

No primeiro instrumento piloto, foi fornecida uma série de enunciados incompletos, para que os colaboradores completassem com o que acreditavam a respeito dos habitantes da RCI e de duas variedades lingüísticas aqui faladas (o dialeto de base vêneta e a língua portuguesa padrão). Esperava-se com isso perceber alguns julgamentos com relação a essas variedades e, portanto, a explicitação de indicadores sociais, relacionados às variedades lingüísticas. Alguns exemplos dos enunciados usados são:

- Saber falar a língua portuguesa corretamente é...
- Saber falar em dialeto italiano...
- As crianças cujos pais falam dialeto italiano em casa...
- As crianças cujos pais falam a língua portuguesa “padrão Jornal Nacional” em casa...
- Os falantes do dialeto italiano acham que são...
- As pessoas que não entendem o dialeto italiano acham...
- Tenho a impressão de que as pessoas só falam o dialeto italiano quando...

O segundo instrumento piloto aplicado para levantamento de dados para formulação do questionário qualitativo utilizou algumas informações colhidas no primeiro e, usando a mesma técnica de “completar enunciados”, procurou investigar crenças a respeito da manutenção da fala dialetal italiana nos dias de hoje, o que, em última instância, também revelaria os julgamentos dos informantes colaboradores a respeito das mesmas duas variedades lingüísticas. Alguns exemplos de enunciados usados nesse segundo instrumento piloto são:

- Os imigrantes italianos pararam de transmitir o dialeto italiano aos seus filhos porque...
- Meus pais falam comigo em... porque...
- Meus avós falam comigo em... porque...
- As crianças da zona urbana aprendem como primeira língua...
- Os pais não falam em dialeto italiano perto dos filhos...

Um terceiro instrumento piloto procurou investigar as reações valorativas com relação à fala dialetal italiana, à fala em língua portuguesa com sotaque dialetal italiano e à fala em língua portuguesa padrão. Na aplicação desse instrumento, levou-se em consideração a origem étnica dos informantes colaboradores: participaram 19 descendentes de italianos e 11 não-descendentes de italianos (independentemente de gênero e faixa etária). Foram testadas duas variáveis, em suas versões positiva e negativa, de forma a verificar a consistência das opiniões fornecidas nas respostas. A Variável 1 contrapunha atitudes positivas (1A) e atitudes negativas (1B) em relação à fala dialetal italiana, enquanto a Variável 2 contrapunha atitudes positivas (2A) e atitudes negativas (2B) em relação à fala em língua portuguesa com sotaque de dialeto italiano. Foram apresentadas 32 afirmações para cada uma das variáveis, e os colaboradores deveriam assinalar suas respostas numa escala de cinco graus: *concordo plenamente, concordo parcialmente, indeciso (nem concordo, nem discordo), discordo parcialmente, discordo plenamente*.

Como exemplos de afirmações da Variável 1, temos: “Os idosos dão preferência à fala em dialeto italiano” (1A), contrapondo-se a “Os idosos desprezam a fala em dialeto italiano” (1B).

Como exemplos de afirmações da Variável 2, podemos citar: “Aquele que fala em português com sotaque de dialeto italiano é instruído” (2A), contrapondo-se a “Aquele que fala em português com sotaque de dialeto italiano é pouco instruído” (2B); ou “Falar em português com sotaque de dialeto italiano é marca de progresso” (2A), contrapondo-se a “Quem fala em português com sotaque de dialeto italiano é atrasado” (2B).

5. DEFININDO E APLICANDO OS INSTRUMENTOS DO PROJETO ESTIGMA

O histórico do informante e a verificação de seu grau de bilingüismo (terceira e quarta etapas da pesquisa), embora não tenham sido objeto de análise independente, muito contribuíram para a compreensão dos dados colhidos na entrevista qualitativa, subsidiando-a com elementos elucidativos.

Descrevemos, a seguir, as duas primeiras etapas e os respectivos instrumentos.

5.1 PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: INSTRUMENTO PARA ENTREVISTA QUALITATIVA

Com base nos dados levantados, foram elaboradas 30 perguntas abertas, que dariam oportunidade ao informante de fazer relatos significativos sobre sua história e a história de sua família e conhecidos, com fatos que denotem a existência de preconceito e justifiquem sua ocorrência. Os dados colhidos através dessas respostas, além de importantes para validar as hipóteses da pesquisa, mostraram-se adequados também para o levantamento de outras hipóteses e para realização de outras investigações (ver, por exemplo, DAL CORNO, 2005; FAGGION, 2005; FROSI, 2005).

5.2 SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA: INSTRUMENTO PARA REGISTRO DAS REAÇÕES SUBJETIVAS

Semelhantemente à metodologia empregada por Lambert, descrita anteriormente, nesta segunda etapa os informantes selecionados deveriam proceder à audição de três textos – na verdade, um mesmo texto gravado em três versões diferentes: na variedade lingüística do português padrão, na variedade dialetal italiana e na variedade do português com sotaque de dialeto italiano. Com base nos textos ouvidos, os informantes responderam a perguntas estruturadas, em que, assinalando um dos cinco pontos em uma escala diferencial semântica, que varia entre os pontos extremos *concordo plenamente* e *discordo totalmente*, avaliaram os falantes (leitores dos textos) com relação aos seguintes traços: *inteligência, beleza física, nível de instrução, laboriosidade, boas maneiras, urbanidade, autoconfiança, estigmatização e modernidade*.

6. RESULTADOS ESPERADOS COM A APLICAÇÃO DESTA METODOLOGIA

Assim, como o previsto nas pesquisas de Lambert, as reações que os informantes têm ao ouvir as gravações revelam as suas atitudes lingüísticas em relação aos falantes, que podem ser positivas ou negativas. Os resultados dessas atitudes vão se revelar em termos de prestígio ou preconceito, e, para os sujeitos alvos do preconceito, podem gerar um estigma que influirá na manutenção ou abandono de determinada variedade de fala.

O Projeto ESTIGMA, portanto, não se limitou a identificar e descrever aspectos da linguagem da RCI, mas, sobretudo, procurou verificar as condições de sobrevivência da linguagem de um grupo étnico minoritário, em competição com as variedades do português padrão.

Pela aplicação da metodologia aqui apresentada, algumas respostas já foram obtidas. Além dos trabalhos já mencionados neste artigo, podemos citar como exemplo os resultados constantes em Frosi, Faggion e Dal Corno (2005), que apontam para o fato de que a consciência étnica, resultado da “explosão de italianidade” verificada no final do século XX na RCI, parece estar mudando os rumos das atitudes dos falantes de dialeto italiano com relação a essa língua minoritária, como indicam as marcas de solidariedade identificadas nas respostas dos informantes. Essa constatação vem a corroborar a característica apontada por Grosjean (2001 [1982]) como a única consequência positiva de atitudes negativas frente a línguas ou variedades lingüísticas desprestigiadas.

Outro resultado, possibilitado pela análise dos dados colhidos nas entrevistas – instrumento qualitativo –, é a constatação de que o estigma é fortemente relacionado às diferenças que se evidenciavam entre os habitantes da zona rural, falantes dos dialetos italianos ou de um português com marcas dialetais, e os habitantes da zona urbana, falantes de português, quando se encontravam em situações em que suas características podiam ser contrastadas. Nessas situações, descritas e exemplificadas em Frosi, Faggion e Dal Corno (2007), o estigma é revelado de quatro formas, principalmente: (a) por um sentimento de inferioridade pela percepção da diferença (com relação à norma, ao “normal”); (b) pela expressão da consciência da inferioridade, localizada em aspectos da fala, de capacidade intelectual ou de instrução; (c) pela referência a fatos (histórico-político-sociais) que agiram como motivação externa para o entendimento da condição de diferença/inferioridade; e (d) pela referência a características adquiridas/manifestadas

como consequência do estigma. Um outro resultado desse mesmo trabalho aponta para uma superação, no tempo presente, do estigma.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dialetos italianos tiveram sua morte anunciada há algumas décadas pela mídia e por vários estudiosos sobre o assunto. As novas gerações têm seus lares invadidos pela televisão e, assim, convivem com a variedade padrão ali transmitida e com a variedade de fala de sua família. Qual prevalecerá? Existe possibilidade de coexistência? Que novas variedades ainda se desenvolverão? Para o Projeto ESTIGMA, urge investigar essas questões.

Uma língua não é um organismo vivo por si mesma, mas é uma atividade praticada, atualizada por indivíduos falantes e, como tal, sofre transformações e pode também morrer. A morte de uma língua advém quando ela é substituída por outra em suas funções fundamentais, particularmente, quando não é mais transmitida, de modo natural, pelos pais a seus filhos. Fica aqui também o alerta lançado por Nettle e Romaine (2002: 19): a morte de uma língua é o sintoma de uma morte cultural, já que com a morte de uma língua desaparece um modo de viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani e Santini, Mara Suzana. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na região de colonização italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. In: DAL CORNO, Giselle O. M.; ZINANI, Cecil e PRESSANTO, Isabel. *Coletânea cultura e saber*, Caxias do Sul, v. 2, n. 1: 35-45, 1998.
2. DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Conseqüências de atitudes lingüísticas negativas para com grupos lingüísticos: da estigmatização à solidariedade. *Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
3. FAGGION, Carmen M. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha. *Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

4. FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: parábola, 2005.
5. FROSI, Vitalina Maria. "I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socioculturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto". In: LO CASCIO, Vincenzo (Org.). *L'Italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987 a. p. 136-63.
6. FROSI, Vitalina Maria. Bilingüismo, identidade étnica e atitudes lingüísticas. *Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
7. FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. Comunicação apresentada no *V Congresso Internacional da ABRALIN*. Belo Horizonte, 2007.
8. FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975.
9. FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos; um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
10. FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul; processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975.
11. FROSI, Vitalina Maria. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: MEO ZILIO, G. (Org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987 b. p. 215-236.
12. GOFFMAN, Erving. *Estigma; notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.
13. GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2001. 11a. Impressão [1982].
14. LAMBERT, Wallace E. A social psychology of bilingualism. In: *Journal of Social Issues*. Volume XXIII, n. 2, 1967.
15. LAMBERT, Wallace E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. In: *Journal of Anormal and Social Psychology*. v. 60, n. 1, 1960.
16. PAVIANI, Neires M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

17. PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Estigma social da pronúncia no ensino do Português. IN: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes e ZILLES, Urbano (orgs.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001: 627-634.
18. STEVENSON, Ian. People aren't born prejudiced. In: SMITH, William F.; LIEDLICH, Raymond D. (Orgs.). *From thought to theme: a rhetoric and reader for College English*. New York: Harcourt, Brace & World, 1965. p. 303- 308. Originalmente publicado em *Parents' Magazine*, Fevereiro de 1960.

RESUMO: Este trabalho relata os passos seguidos pela equipe do Projeto de pesquisa *Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do RS: prestígio e estigmatização* – estigma -, atualmente em desenvolvimento na Universidade de Caxias do Sul, com adaptação da metodologia de Lambert e associados (1960) para a elaboração do instrumento de avaliação de reações subjetivas a três variedades de fala em uso na região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, Brasil: a variedade do português padrão, a variedade dialetal italiana e a variedade do português com sotaque do dialeto italiano aqui falado. Além disso, faz uma breve exposição de alguns resultados obtidos na aplicação da metodologia pelo Projeto, que tem como objetivo principal estudar o binômio prestígio e estigmatização sociolingüística na comunidade de fala de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: línguas minoritárias; atitudes lingüísticas; prestígio e estigmatização; pesquisa sociolingüística.

ABSTRACT: This paper describes the steps taken by the research project *ESTIGMA*, from Universidade de Caxias do Sul, in the adaptation of the methodology used by Lambert and his associates (1960) in order to create instruments for evaluating reactions to three oral language varieties in use in the Italian Colonization Region in the Northeast of Rio Grande do Sul, Brazil: standard Portuguese, the Italian dialectal variety and Portuguese with an Italian dialect accent. Furthermore, a brief exposition of some of the results obtained from the application of this methodology is also made. The primary aim of this research project is to study the binomial sociolinguistic prestige and stigma in the language community of the city of Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

KEYWORDS: minority languages; language attitudes; prestige and stigma; sociolinguistic research.

RESUMEN: Este trabajo relata los pasos seguidos por el equipo del Proyecto de investigación *Lenguaje de la Región de Colonización Italiana [RCI] del Noreste de RS: prestígio y estigmatización –ESTIGMA*, actualmente en desarrollo en la Universidad de Caxias do Sul, durante a adaptación de la metodología de Lambert y asociados (1960) para la elaboración de un instrumento de evaluación de reacciones subjetivas a tres variedades de habla encontradas en la región estudiada: la variedad del portugués estándar, la variedad dialetal italiana y la variedad del portugués con acento del dialecto italiano aquí hablado. Además, el trabajo hace una breve exposición de algunos resultados obtenidos en la aplicación de la metodología por parte del Proyecto, el cual tiene como objetivo principal estudiar el binomio prestígio y estigmatización sociolingüística en la comunidad de habla de Caxias do Sul.

PALABRAS CLAVE: Lenguas minoritarias; actitudes lingüísticas; prestigio y estigmatización; lenguaje oral de la RCI; investigación sociolingüística.

Recebido no dia 05 de junho de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 27 de julho de 2007.